

THIAGO ALBANO DE SOUSA PIMENTA

*Professor EBTB do Instituto
Federal do Pará*

*Campus Conceição do
Araguaia – PA*

thiagoge@yaho.com.br

Artigo recebido em:

07/05/2021

Artigo aprovado em:

07/06/2021

PANDEMIA E AUDIOVISUAL NAS REDES SOCIAIS: AS FORÇAS REATIVAS QUE DESPOTENCIALIZAM O PENSAR A ESPACIALIDADE

*PANDEMIA, AUDIOVISUAL EM REDES SOCIALES Y
FUERZAS REACTIVAS QUE DESPOTENCIALIZAN EL
PENSAMIENTO SOBRE LA ESPACIALIDAD*

*PANDEMIC, AUDIOVISUAL ON SOCIAL NETWORKS
AND REACTIVE FORCES THAT DEPOTENTIALIZE
THINKING ABOUT SPATIALITY*

*PANDÉMIE, AUDIOVISUEL SUR LES RÉSEaux SOCI-
AUX ET FORCES RÉACTIVES QUI DÉPOTENTIALISENT
LA RÉFLEXION SUR LA SPATIALITÉ.*

RESUMO

Este trabalho busca analisar dois audiovisuais (agenciamentos entre vídeo, áudio e discursos que se avizinham) relacionados ao contexto pandêmico. Estes ocupam as redes sociais, um no YouTube e o outro no Facebook. Queremos problematizar os discursos e narrativas que eles fazem circular, bem como as forças que os compõem, e como elas se imbricam num modo de subjetivação desta pandemia de Covid-19. Diante do exposto, queremos provocar os leitores, para que se atentem a estes agenciamentos de modo a entendê-los melhor, assim como criar e possibilitar outras formas de agenciamento que rasure estas forças, abrindo espaço para novos pensamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia; Audiovisual; Espaço Virtual.

RESUMEN

Este trabajo busca analizar dos audiovisuales (montajes entre video, audio y discursos que se avecinan) que se relacionan con el contexto de la pandemia. Estos ocupan las redes sociales, una en YouTube y la otra en Facebook. Queremos centrarnos en la comprensión de los discursos y narrativas que circulan, así como de las fuerzas que los componen y cómo se entremezclan en un modo de subjetivación de esta pandemia de Covid-19. Teniendo en cuenta lo anterior, queremos provocar que los lectores presten atención a estos ensamblajes para comprenderlos mejor, así como para crear y habilitar otras formas de ensamblaje que erradican estas fuerzas, abriendo espacio para pensar lo contrario.

PALABRAS-CLAVE: Pandemia; Audiovisual; Espacio virtual.

ABSTRACT

This work seeks to analyze two audiovisuals (assemblies between video, audio and speeches that are coming) that are related to the pandemic context. These occupy social networks, one on YouTube, the other on Facebook. We want to focus on the understanding

of the speeches and narratives that they circulate, as well as the forces that compose them and how they intermingle in a mode of subjectification of this Covid-19 pandemic. Given the above, we want to provoke readers to pay attention to these assemblages in order to understand them better, as well as to create and enable other forms of assemblage that eradicate these forces, opening space to think otherwise.

KEYWORDS: Pandemic; Audio-visual; Virtual space.

RÉSUMÉ

Ce travail cherche à analyser deux audiovisuels (assemblages entre vidéo, audio et discours à venir) qui sont liés au contexte pandémique. Ceux-ci occupent les réseaux sociaux, l'un sur YouTube, l'autre sur Facebook. Nous voulons nous concentrer sur la compréhension des discours et récits qu'ils diffusent, ainsi que des forces qui les composent et comment ils s'entremêlent dans un mode de subjectivation de cette pandémie Covid-19. Compte tenu de ce qui précède, nous voulons inciter les lecteurs à prêter attention à ces assemblages afin de mieux les comprendre, ainsi qu'à créer et permettre d'autres formes d'assemblage qui éradiquent ces forces, ouvrant l'espace pour penser autrement.

MOTS CLÉS: Pandémie; Audio-visuel; Espace virtuel.

INTRODUÇÃO

Este artigo busca fazer uma reflexão sobre alguns aspectos que atravessam a subjetividade e as narrativas ampliadas nas redes sociais. Muitos conceitos, pensares e diálogos que traremos para analisar o foco deste artigo, são atravessamentos que nos encontramos durante a pesquisa de Doutorado que finalizada em 2019, com a tese “Cinema, Geografias e Ensino: Diálogos, Encontros e Atravessamentos”. Para tanto, focaremos nas narrativas que envolvem as questões da pandemia de Covid-19, problematizando dois exemplos de produções audiovisuais encontradas nas redes sociais, que se associavam aos questionamentos contra as medidas previstas como necessárias pela Organização Mundial de Saúde (OMS) no controle da Pandemia vigente.

Neste trabalho buscamos

pensar estas temáticas, analisando como elas influenciam na espacialidade que vivemos, de forma que constituem o próprio espaço. As subjetividades, que estão em disputa, ao mesmo tempo que refletem os atravessamentos que vivenciamos na espacialidade, também podem (des)permitir que espacialidades outras possam ser pensadas. Entendemos o conceito de espaço geográfico como Massey, que pensa o espaço como confluência de “estórias até agora” (MASSEY, 2008, p. 176).

Sabemos que durante este contexto atual há a disseminação de contra-argumentos que buscam desvalorizar a narrativa científica, fomentando uma subjetividade reativa, ora de crítica aos protocolos sanitários, ora, por defesa ao governo federal, que agiu, em muitos casos, em sentido contrário a

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

JANEIRO - JUNHO, 2021
ISSN 2175-3709

estes mesmos protocolos. Os audiovisuais selecionados para a análise proposta neste artigo vão de encontro à estas narrativas.

As produções audiovisuais se destacam na sociedade atual como parte fundamental da nossa linguagem. A circulação de imagens e sons se torna cada vez mais veloz diante dos meios tecnológicos que dispúnhamos na atualidade. Também, dialoga de forma muito interativa com as redes sociais, sendo de fácil acesso para diversos usuários, por serem sucintos e curtos, podem circular com muita facilidade em plataformas como *Facebook*, *WhatsApp* e *Instagram*.

Estas produções audiovisuais que selecionamos partem de trechos de produções cinematográficas. O cinema tem um poder grande de nos atravessar, buscar por meio da sensibilização, dos afetos e perceptos, potencializar o poder de afetar que o filme tem. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 228).

LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA

A linguagem audiovisual cinematográfica nos atravessa de forma diferente, nos toca, nos sensibiliza, ela pode aflorar sentimentos e sensações, incorporar afetos no pensar. Quando falamos sobre esta linguagem queremos ampliar o olhar geográfico sobre a espacialidade e analisarmos a diversidade de elementos que nos atravessam constituindo o espaço que vivemos.

A forma como ela exprime os detalhes, as relações, os afe-

tos, os sentimentos, faz com que a sua potencialidade seja única. A forma de trazer e dizer sobre as coisas e o mundo nos afeta, nos traz sensações, nos conduz à uma relação que apenas esta forma da arte consegue criar. A potencialidade do audiovisual cinematográfico como expressão artística tem uma relação consideravelmente diferente das demais formas de expressão, seja artística ou não.

O cinema, com suas capturas de imagens, enquadramentos, agenciamentos audiovisuais, sons, falas, tudo construído, criado como uma potencialidade de afetar nossas percepções. Como diz Deleuze e Guattari, cinema como campo de relação entre afetos/perceptos.

A arte é a linguagem das sensações, que faz entrar nas palavras, nas cores, nos sons ou nas pedras. A arte não tem opinião. A arte desfaz a tríplice organização das percepções, afecções e opiniões, que substitui por um monumento composto de perceptos, de afetos e de blocos de sensações que fazem as vezes de linguagem. (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p.228)

Os filmes são partes importantes na nossa vida, nas nossas experiências no mundo, e nos influencia na forma como percebemos o mundo e os fenômenos que nos circundam. Dos filmes hollywoodianos, aos brasileiros, dos filmes “cults”, aos besteiros americanos, todos eles atravessam de alguma forma nossos corpos modificando a multiplicidade de nossas composições.

Esta linguagem artística

tem potencialidade de nos afetar e de nos sensibilizar, com blocos de sensações, forças que nos travessam e ampliam os sentidos do que podemos pensar. Neste trabalho iremos propor uma reflexão sobre o agenciamento da potencialidade de sensibilização e afeto da linguagem audiovisual cinematográfica para a composição de narrativas político-ideológicas, dentro de uma composição entre audiovisual cinematográfico e discursos políticos. Sobre composições, continuidades e atravessamentos, Oliveira Jr. nos aponta o seguinte:

Há continuidades entre os lugares geográficos e os locais narrativos. Alusões, amparos de credibilidade, apropriação de memórias... uns estão nos outros. Os primeiros manifestam-se nos segundos em suas materialidades – formas, movimentos, silhuetas, sentidos –, paisagens e memórias; os segundos dobram-se sobre os primeiros uma vez que tornam-se textos que a eles aludem e neles grudam seus sentidos, suas imagens, suas belezas e tensões, iluminando-os (dizendo-os) de outro modo. A realidade de ambos se faz deles próprios, no interior de suas existências: a contiguidade para os lugares e a continuidade para os locais. Mas como contemporaneamente eles se misturam e se contaminam mutuamente, levam a contiguidade dos primeiros ao interior da continuidade dos segundos e vice-versa. (OLIVEIRA Jr. 2005, p.30)

Continuidade entre o geográfico dos discursos, das narrativas e como elas nos atravessam, na confluência entre os audiovisuais cinematográficos que são agenciados para potencializar a circulação destas forças reativas, discursos político-ideológicos que buscam pautar

e ordenar o pensar e a reflexão sobre o que vivemos.

Neste sentido, buscamos entender uma pequena parte da espacialidade vivenciada nesta pandemia, relacionada aos discursos e narrativas que circulam nas redes sociais, vinculadas aos vídeos (trechos de obras filmicas). As duas peças que analisaremos, estão postadas na rede social *Facebook*, e associadas aos discursos e narrativas que vão em posição contrária a uma melhor compreensão e enfrentamento do período pandêmico. Seus emissores são distintos, mas compõe uma rede importante que se retroalimentam e que dão voz ao outro, narrativa *underground* e narrativa *mainstream*. Um emissor é o presidente da República do Brasil, o outro são anônimos nas redes sociais que compartilham e postam conteúdo. Ora um dá sentido e palco ao outro, podendo formar uma mesma composição, em grande capilaridade nas “máquinas” de subjetivação do pensamento reacionário advindos e que ganham “espaço” na internet.

AGENCIAMENTOS IDEOLÓGICOS DAS CRIAÇÕES AUDIOVISUAIS

Como destacamos, a linguagem cinematográfica tem sua potência de afetar e de sensibilizar os sujeitos. Os filmes, como toda atividade de criação mediada pelas relações humanas, também são atos e expressões políticas. Quando diretores, produtores, roteiristas, se dedicam na criação de uma história cinematográfica

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

fica, eles trazem consigo suas visões de mundo, suas ideias sobre a vida, sobre o ser, enfim, trazem suas expectativas e desejos.

Mas, além do filme ser a criação de terceiros, há uma simbiose com os telespectadores, de forma que as visões de mundo se confluem, gerando uma infinidade de afetos e sensibilidades. Um grupo de pessoas pode compreender um filme enfatizando determinada questão abordada, porém um outro grupo de pessoas pode olhar para o mesmo filme e enfatizar questões diferentes, que também foi colocado pela obra.

Quando agenciamos um filme em uma aula de Geografia, por exemplo, podemos “roubar” dele algo que nos chame a atenção, algo que nos afete, para assim, potencializar um pensar geográfico. Podemos agenciar o filme todo, ou apenas uma cena dele, de forma que vai de encontro com o que “ensaiamos” na aula, o que objetivamos com ela, mesmo que muitas vezes ela crie suas próprias linhas de fuga.

Há várias possibilidades de agenciamento, por assim dizer. Na aula, na palestra, em textos, artigos, enfim, há uma multiplicidade de “roubos” que podemos fazer de uma criação cinematográfica, alinhando esta obra à uma outra narrativa que faz parte de outra linguagem.

Dentre as possibilidades de agenciamento podemos citar a utilização de trechos de filmes, somado aos comentários nas redes sociais no link do vídeo e narrativas outras. Na tabela abaixo (QUADRO 1) segue as

descrições dos dois vídeos.

No primeiro exemplo, o agenciamento do trecho do filme “*Resident Evil 6*”, busca conectar o longa com a perspectiva atual do contexto de pandemia que vivenciamos. Essa atualização do filme, que foi produzido no ano de 2017, faz um paralelo entre a narrativa do filme, com uma narrativa “obscurantista” que busca associar o surgimento do vírus Covid-19, com os interesses de uma suposta elite global.

Agenciamentos que, diante dos meios tecnológicos que temos, mesmo surgindo de algum lócus, uma voz de comando de origem, fica cada vez mais difícil saber quem criou tal correlação entre perspectivas (filmica e discurso negacionista da pandemia). Como as informações circulam em rede, muitos dos emissores destas “palavras de ordem”, destas narrativas, ficam “ocultos” dentro da imensidão de informações presentes na rede de internet.

Outro agenciamento tratado aqui neste texto nos apareceu em um post do atual Presidente da República do Brasil, Jair Messias Bolsonaro. Em um post em sua página no Facebook, traz um trecho de animação, fazendo paralelo com a defesa de sua atuação como presidente.

Sua narrativa de defesa cria uma base discursiva muito primária, mas que demonstrou ter bastante eficácia para seus apoiadores, e que se enquadra no “contra tudo e contra todos”. Sempre se apresentando como *outsider* da grande política, mesmo há décadas como parla-

QUADRO 1

Trecho do filme	Título do Vídeo	Redes Sociais	Data de publicação	Compartilhador
Resident Evil 6 – O Capítulo Final, lançado em 2017 e dirigido por Paul W. S. Anderson.	Movie T- Virus Resident Evil	YouTube	19/03/2020	Canal do YouTube Play Movie-Game's
A Tale of Momentum & Inertia, lançado em 2014, dirigido por Kameron Gates e Kirk Kelley.	Sem título	Facebook Vimeo YouTube	22/11/2020	Página Oficial do Facebook do atual Presidente Jair Messias Bolsonaro

Fonte: Pimenta, a partir de dados do Youtube e Facebook, 2021.

mentar, mesmo hoje como presidente, continua se colocando como *outsider*, que luta contra a “velha política”.

A animação é agenciada para reafirmar este discurso “bolsonarista”. Dessa forma, como uma figura política fundamental na pandemia, principalmente para o Brasil, compreendemos que analisar este agenciamento pode contribuir para entendermos um pouco da lógica de agenciamento audiovisual, e de outras linguagens, nas narrativas reacionárias movidas pelas forças reativas. Sobre este conceito de Friedrich Nietzsche, Gilles Deleuze nos aponta:

Porque a vontade de poder faz com que as forças activas afir-

mem, e afirmem a sua própria diferença: nelas, a afirmação está em primeiro, a negação não passa de uma consequência, como um acréscimo de prazer. Mas a característica das forças reativas, pelo contrário, está em opor-se primeiro ao que elas não são, em limitar o outro: nelas a negação está em primeiro, é pela negação que atingem uma aparência de afirmação. Afirmação e negação são, pois, os qualia da vontade de poder, como activo e reactivo são qualidades das forças. E da mesma maneira que a interpretação encontra os princípios dos valores na vontade de poder. Por fim, evitaremos, em função das considerações terminológicas que precedem, reduzir o pensamento de Nietzsche a um simples dualismo. Porque, como veremos, pertence essencialmente à afirmação ser ela própria múltipla, pluralista, e à negação ser uma, ou pesadamente monista (DELEUZE, 2007, p. 24).

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

Podemos pensar as forças reativas, a partir da perspectiva do filósofo alemão Nietzsche, como forças que agem para impedir a potencialidade alheia, que negam a afirmação de vida do outro, que agem a partir da negação da potência das forças ativas, forças movidas pela vontade e desejo. Podemos pensar as forças reativas como ações permeadas de afetos recalcentes e reacionários (medo, violência, ódio, etc.), carregados de mesquinhéz.

O pior de tudo são os pensamentos mesquinhos. Em verdade, ainda é melhor ter feito o mal do que pensar pequeno! Para ter certeza, deveis dizer: “O prazer dos pequenos males nos salvará de atos de grande maldade”. Mas aqui não se deve querer ser poupado (...). Mas o pensamento mesquinho é como uma infecção: ele rasteja e se esconde e não quer se mostrar em lugar algum – até que o corpo todo esteja deteriorado e ressequido pela infecção do pequeno (NIETZSCHE, 2014, p. 120-121).

O agenciamento destas criações audiovisuais serve de artifício de linguagem, que afeta e complementa a narrativa, o discurso, um pequeno roubo (ou grande roubo, dependendo da perspectiva), que cria suporte na “comunicabilidade” de um sentido, estar confiante de que seu discurso é redondo e coerente, e isso, o faz transcender, afastando da “empiricidade” e das “causas adequadas”, cabe como uma luva em uma plateia sedenta por argumentação para suas

escolhas e vidas medianas, uma via de mão dupla, que ancora um discurso ideológico, ao mesmo tempo que fortalece as “paixões” destes sujeitos enfraquecidos e servis.

1. Chamo de causa adequada aquela cujo efeito pode ser percebido clara e distintamente por ela mesma. Chamo de causa inadequada ou parcial, por outro lado, aquela cujo efeito não pode ser compreendido por ela só.

2. Digo que agimos quando, em nós ou fora de nós, sucede algo de que somos a causa adequada, isto é (pela def prec.), quando de nossa natureza se segue, em nós ou fora de nós, algo que pode ser compreendido clara e distintamente por ela só. Digo, ao contrário, que padecemos quando, em nós, sucede algo, ou quando de nossa natureza se segue algo de que não somos causa senão parcial.

3. Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as idéias dessas afecções.

Explicação. Assim, quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas afecções, por afeto compreendo, então, uma ação; em caso contrário, uma paixão (SPINOZA, 2009, p. 98).

Neste sentido, dialogamos com a filosofia de Baruch Spinoza, que entende as paixões como uma fase primária de compreensão, ou seja, o sujeito que é movido pelas paixões, se coloca dentro de encontros donde sua potência de agir é frágil, enfraquecendo a potência de conduzir sua vida de forma racional. Spinoza aponta: “Disso se segue que quanto mais idéias inadequa-

das a mente tem, tanto maior é o número de paixões a que é submetida; e, contrariamente, quanto mais idéias adequadas tem, tanto mais ela age.” (SPINOZA, 2009, p.100). Porém, além de buscar destrinchar como as “paixões” são suscitadas por esses agenciamentos, queremos compreender as causas e as potencialidades da desconstrução destas composições nos pontos que trataremos a seguir.

T-VÍRUS E “TEORIA DA CONSPIRAÇÃO”

Neste bloco faremos uma análise sobre o agenciamento de um trecho do filme “*Resident Evil*” que trata sobre o “*T-Virus*”. Este vídeo está presente no site “*YouTube*”, com milhares de visualizações, e o que nos chamou atenção primeiramente foi a frequência que o vídeo é promovido em sessões de comentários nos posts de notícias relacionadas à pandemia. Alguns comentários “buscavam fazer um alerta” para a possível “origem do coronavírus”, o associando com o que está sendo narrado no trecho do filme. Alguns dos perfis que postaram estes comentários, podem ser ou não robôs no *Facebook*, característica de perfis falsos que são “nutridos” por máquinas computacionais programadas para intensificar e multiplicar discursos direta e indiretamente políticos.

Como já demonstrado em reportagens noticiadas em di-

versos portais¹, esta maquinaria informacional, tem nutrido uma rede político-ideológica, ligado às fake news, discursos negacionistas (anti-vacina, terraplanismo, teoria da conspiração, etc.), discursos de ódio, dentre outras narrativas que tem como “bojo” o recalque e busca frear e cessar as forças e os desejos de avanços, mudanças e melhoras.

No trecho do filme, há uma reunião com “homens poderosos”, que dá a entender que são bilionários, presidentes, importantes líderes do mundo, que estão discutindo os problemas ambientais da Terra. Um dos presentes indica uma saída para essa problemática, criar um vírus que possa diminuir a população da Terra e, de forma indireta, controlar a “pressão demográfica” contra o “equilíbrio da natureza”.

Tal discurso se aproxima consideravelmente, das teorias demográficas malthusiana e neomalthusiana que buscam justificar os problemas sociais e ambientais a partir do “crescimento desenfreado da população”, de forma que, para mitigarmos estes problemas, devemos conter o crescimento populacional. Estas teorias propunham desde “abstinência sexual, como é o caso da malthusiana, até planejamento familiar e políticas de controle de natalidade, como o fez a neomalthusiana.

O vírus, dentro do que o filme narra, vem como “ferramenta” de contenção populacional. Traria mortes em mi-

1. Estas são duas matérias, acessadas em 29/03/2021 às 16:44, que discutem a estrutura cibernética que compõe a base política-ideológica bolsonarista:

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/09/19/fake-news-pro-bolsonaro-whatsapp-eleicoes-robos-disparo-em-massa.htm>

<https://www.brasildefato.com.br/2020/04/03/bolsonaro-e-seus-robos-como-funciona-a-propagacao-de-fake-news-sobre-o-coronavirus>

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

2. Nesta matéria, acessada em 29/03/2021 às 17:18 foram listadas cinco teorias conspiratórias bizarras que circulam nas redes sociais sobre o Covid-19 (<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/03/5-teorias-da-conspiracao-mais-bizarras-sobre-o-novo-coronavirus.html>)

lhares, mas, ao final da grande devastação, o mundo entraria numa fase mais “equilibrada” e “ordeira”.

Quem nunca ouviu, nestes meses de pandemia, alguém dizendo algo no sentido: “esse vírus foi implantando por “X”, para atender interesses “Y”. Teoria da conspiração está na língua do povo, ora é a China, ora é o *Bill Gates*², sempre há alguém na mira desta teoria como o responsável, o culpado para todo este contexto pandêmico. Teoria da conspiração muitas vezes reforçado por estes agenciamentos de filmes, criando subjetividades que se imbricam entre a ficção e a realidade. Podemos citar que mesmo o ex-ministro das relações exteriores do governo de

Bolsonaro, Ernesto Araújo, se baseou em uma dessas teorias conspiratórias em uma de suas falas públicas na ONU, como podemos acessar nesta matéria, ilustrada pela FIGURA 1.

Nesta espacialidade que vivenciamos, onde há a confluência dos mais variados discursos, nas diversas linguagens, diante desta questão, envolvendo as teorias conspiratórias sobre o Covid-19, há uma relação de vizinhança que vai desde perfis anônimos nas redes sociais, produção/criação de audiovisuais, até a ressonância em discursos de personalidades políticas influentes na conjuntura atual, uma rede que agencia, retroalimenta e amplia o alcance destas teorias.

FIGURA 1 – EX-MINISTRO E TEORIA DA CONSPIRAÇÃO SOBRE COVID-19

Ministro Araújo evoca teoria de conspiração sobre covid

Após discursar em conferência da ONU sobre a pandemia, ministro brasileiro das Relações Exteriores tuíta sobre um "Great Reset", suposto projeto secreto de elites para impor controle econômico e social às massas.



Fonte: DW, acessado às 09:25 em 29/03/2021 (<https://www.dw.com/pt-br/ministro-araújo-evoca-teoria-de-conspiração-sobre-covid/a-55832656>)

Estes agenciamentos são movidos por forças reativas, que, muitas vezes preferem mirar o outro, apontar no outro a falha ou a culpa, do que se ater no que nós podemos fazer, se ater no que somos responsáveis e, assim, compreender como suas experiências, suas ações, como podem imaginar/criar um porvir de possibilidades mais potente.

Estas forças reativas estão mais interessadas no poder destrutivo, na desorientação como método, do que no que criativo e na vontade de superar o problema, como são as forças ativas, de forma que sempre reagem, neste contexto pandêmico, às propostas e agenciamentos criativos que buscam criar uma reterritorialização, uma reorientação que afirma a vida. As forças reativas estão a minar e causar confusão sob estas propostas de reorientação para a superação da pandemia.

NEGLIGÊNCIA OU SABOTADO – CONTRA TUDO E CONTRA TODOS

Outro agenciamento cinematográfico que trazemos aqui para a nossa análise espacial foi feito pela página do *Facebook* do atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro. Partindo de uma animação, *A Tale of Momentum and Inertia*, que tem como ideia um gigante que busca proteger um vilarejo e, mesmo assim, é mal visto pela comunidade, de forma, que acaba desistindo de dar o seu máximo.

A associação que é feita,

dentro da narrativa política do presidente, é no seguinte sentido: O gigante seria o próprio Jair Bolsonaro, que, diante da pandemia, busca proteger a sociedade brasileira, se esforça, faz o possível e o impossível pelo Brasil, porém não recebe reconhecimento, muitos trabalham contra ele, fazendo com que perca as forças na sua luta contra o “mal”.

Aqui podemos perceber que é um agenciamento de autodefesa do presidente, que busca se proteger das acusações de negligência diante do grave estado que vivemos na pandemia no Brasil. São centenas de milhares de mortos por Covid-19 no Brasil, depois de minimizar o vírus, chamando-o de “gripezinha”, argumentando contra as exigências de lockout e distanciamento social, criticando o uso de máscaras, incentivo às aglomerações em espaços públicos, enfim, diversas ações que vão na contramão do que é indicado pelos sanitaristas e especialistas, conforme vemos nas FIGURA II, III, IV e V.

“Os que trabalham contra”, podem ser compreendidos, indiretamente, como aqueles que são sempre acusados por Bolsonaro como os que “trabalham contra o Brasil”. Neste grupo, podem ser citados a oposição político-partidária (seja de esquerda ou de direita), a mídia (principalmente a *Rede Globo*), movimentos sociais das diversas orientações, entre outros atores, que acaba sendo alvo do presidente, nas suas argumentações de auto-defesa.

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

FIGURA 2 – BOLSONARO CHAMA COVID-19 DE “GRIPEZINHA”



2 momentos em que Bolsonaro chamou covid-19 de 'gripezinha', o que agora nega

Fonte: BBC News, acessado às 09:10 em 24/02/2021 (<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>)

FIGURA 3 – BOLSONARO INCENTIVA AGLOMERAÇÕES

Bolsonaro esteve, em média, em uma aglomeração por dia durante a pandemia



Fonte: UOL, acessado às 09:11 em 24/02/2021 (<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/17/bolsonaro-esteve-em-media-em-uma-aglomerao-por-dia-durante-a-pandemia.htm>)

FIGURA 4 – BOLSONARO SE POSICIONA CONTRA AS MEDIDAS DE QUARENTENA

Bolsonaro ataca quarentena: "Não está difícil saber o que nos espera"



Presidente Jair Bolsonaro acena para apoiadores em frente ao Palácio do Planalto



Hanrikson de Andrade
Do UOL, em Brasília
19/04/2020, 09h34

Fonte: UOL, acessado às 09:12 de 24/02/2021 (<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/19/bolsonaro-ataca-quarentena-nao-esta-dificil-saber-o-que-nos-espera.htm>)

FIGURA 5 – BOLSONARO DIZ QUE MÁSCARAS SÃO FICÇÃO NA PROTEÇÃO CONTRA O COVID-19

ISTOÉ

EDIÇÃO Nº 2685 02/07



REVISTA BRASIL ECONOMIA MUNDO COLUNAS ESPORTES GENTE SAÚDE DA MULHER



BRASIL

Bolsonaro diz que máscaras são "ficção" e ataca medidas de proteção contra Covid



Fonte: Istoé, acessado às 09:13 de 24/02/2021 (<https://istoe.com.br/bolsonaro-diz-que-mascaras-sao-ficcao-e-ataca-medidas-de-protecao-contr-covid/>)

GEOGRAFARES

Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

3. *Matéria, acessada às 10:02 de 24/02/2021, sobre a manutenção da base apoio do governo Bolsonaro diante da pandemia (<https://oglobo.globo.com/analitico/popularidade-de-bolsonaro-imune- crise-economica-nao-favorece-guedes-24586611>)*

Uma das argumentações de autodefesa do atual presidente é que ele é sabotado por esta estrutura de poder (mídia, políticos de oposição e STF). Em parte, esta narrativa dialoga com a anterior, abordada na análise do trecho do filme do “*Resident Evil 6*”, pois, assim como esta, transfere à uma elite distante, quase abstrata, as culpas das mazelas que vivemos. Muitas de suas postagens partem dessa premissa básica, de que ele não consegue fazer nada mais além, porque todas estas forças agem contra ele, e, conseqüentemente, contra o Brasil a favor de interesses particulares. Essa narrativa alimenta seus seguidores e dá força de argumentação e convencimento para que a sua militância continue ativa na rede, espaço donde Bolsonaro criou hegemonia.

O audiovisual agenciado pela página do presidente para fazer a associação com sua argumentação de autodefesa, tem muitos aspectos que se atrelam com a linguagem cinematográfica, no sentido dos clichês e estrutura previsível de narrativa. É uma peça que remonta a estrutura de narração do bem contra o mal, do certo contra o errado, e, indiretamente, da relação de culpabilização e sua subjetivação, ou seja, culpa os outros e os coloca no papel de responsáveis pelo erro.

A produção audiovisual coloca, além da estrutura do bem contra o mal, no personagem do gigante incompreendido em mais um clichê. O gigante incompreendido, o corcun-

da de *Notre Dame*, o *Shrek*, a *Fera*, simboliza a “criatura” isolada, que tem um coração bom e sempre boas intenções, porém acaba sofrendo isolamento e preconceito da comunidade em que vive.

Se associar com esta narrativa, faz com que o presidente também se coloque neste papel. O papel de incompreendido, injustiçado, mesmo que muitas vezes se demonstre “feio” aos olhos do público, isso não o faz ser um sujeito mal, pelo contrário, seu coração sempre terá as melhores intenções, pode pecar, pode errar, mas nunca intencionalmente, pois sabemos, dentro desta narrativa, o bem sempre vence o mal, e, aquele que tem “bom coração”, sempre colherá bons frutos. E, assim Jair Bolsonaro posa para a “nação”.

Esse agenciamento busca blindar o atual presidente das críticas feitas à ela, por sua postura e ação inoperante frente à pandemia. Não apenas o defender, mas também o promover, como, mais uma vez, “outsider” da política, alguém que luta “contra tudo e contra todos”, se colocando como um líder que busca o melhor para a sociedade brasileira, porém é diariamente sabotado pela “oposição”. E, de modo bastante preocupante, faz com que ele ainda mantenha apoio de parcela de seu eleitorado, como podemos ver em pesquisas de popularidade³, se poupando de críticas mais expressivas diante de muitos descaminhos e ações que vão na contramão do que

é indicado pelos especialistas, cientistas e pesquisadores sobre epidemias, questões sanitárias e de saúde pública. Ações que compromete toda a sociedade e a expõe de forma sistemática ao vírus Covid-19.

COMO PODERÍAMOS PENSAR LINHAS DE FUGAS?

Podemos pensar em possibilidades de esvaziamento dessas narrativas, enfraquecimento do alcance delas nas subjetividades e, de certa forma combatê-las nos espaços onde elas circulam? Essa é uma das questões que queremos levantar diante deste artigo, pois, não basta localizarmos estes agenciamentos, e analisarmos quais narrativas eles buscam circular, mas também provocar os leitores a pensarem sobre esta questão, do ponto de vista do que faremos então? Quais são as ferramentas que usaremos para enfrentar estes que buscam nos enfraquecer?

Permitir que linhas de fuga se ampliem, ou permitir que essas linhas possam ser cada vez mais constante. Fraturar estes discursos em seus espaços, “desmistificá-los”, ironizar, caçoar, fazer com que eles percam a potência, de modo, que suas forças de afeto, com o agenciamento do audiovisual cinematográfico, possa perder efeito e se voltarem contra a própria narrativa almejada.

Santos e Pereira (2020, p.202), versando sobre o pensamento de Spinoza, apontam que para o filósofo holandês,

não há nada “bom ou mau” a priori, sendo o que importa é o modo como somos afetados e potencializados ou despotencializados no nosso agir, por um atravessamento. Dessa forma, podemos rir e ironizar estes agenciamentos, agindo contra as causas ressentidas que os promovem, ao mesmo tempo, que eles podem afetar de outra forma outros corpos, os despotencializando e gerando servidão.

Deleuze e Guatarri (1997, p.50) falam sobre os espaços lisos e estriados. Nos espaços estriados temos as amarras dos controles, Estado e capitalismo, os macropoderes que tenta nos ordenar. Entretanto, para os autores, há os espaços lisos que são como contraponto à estrutura ordenadora do estriado, espaços donde a máquina do estado é enfraquecida, espaço devir, de grande mobilidade, nômade, de difícil localização e instalação. Nestes espaços, há campo fértil para o pensamento criativo, para o novo e para as linhas de fuga que fraturam o estriamento.

Como criar estes espaços lisos? Não há receita de bolo, não há passo a passo dado de bandeja por Deleuze e Guatarri (1997, p.41). O que há são conceitos, ideias e afetos, que possibilitam pensarmos a diferença, uma outra possibilidade que ainda está porvir, bons encontros. E, sempre há espaços lisos e também linhas de fuga, que mesmo dentro de espaços estriados, como por exemplo, as redes sociais, combatem e possibilitam pensar e criar,

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

dentro da estrutura de controle, modos de vida mais potentes e ativos.

Vivendo neste projeto societário, dando aula nas escolas, trabalhando em empresas (públicas ou privadas), estando numa rede estrutural de poder, estes espaços não podem ser negados, eles fazem parte da nossa vida. O que podemos pensar é ocupar de forma a permitir que fraturas aconteçam cada vez mais em maior velocidade. Nas escolas e universidades, por exemplo, mesmo diante de uma estrutura de poder, espaço estriado, é onde a maioria de nós trabalhamos e onde podemos agir, para criar linhas de fuga que possam repensar as próprias escolas e universidades que nos encontramos.

Ocupar estes espaços de forma propositiva, ativa. Assim também as redes sociais, os “espaços virtuais”, donde “as narrativas reacionárias, produtos das forças reativas”, deitam e rolam a bel prazer. Esta é uma das provocações que queremos deixar com este artigo. Observamos que alguns grupos agenciam a linguagem cinematográfica para afirmar suas posições político-ideológicas, para assentar discursos reacionários, em relação aos diversos cuidados que a sociedade deve ter no contexto de pandemia. Fraturar, potencializar linhas de fuga, e desfazer o ar de seriedade que toda essa bobagem tem, é algo que podemos pensar em agir.

Outro ponto é a linguagem cinematográfica. O atravessamento dessa linguagem, ou de forma mais ampliada, a linguagem audiovisual nos espaços

vividos atualmente é parte da nossa realidade. Entretanto, mesmo que muitos manuseiem celulares, notebooks e outros artefatos que possibilitam a produção de audiovisuais, mesmo que cada vez mais estamos produzindo nossos próprios vídeos para o *Facebook*, *Instagram* e *TikTok*, entre outras redes sociais, ainda há uma condução que devemos repensar. Essa condução, está relacionada à forma como fomos habituados e alfabetizados no audiovisual cinematográfico.

Esta habituação está intrínseca ao que consumimos, assistimos, ao que chega até nós e o que estamos acostumados a buscar de criação audiovisual/cinematográfica. Desde os filmes hollywoodianos, até as novelas e seriados, há um olhar “educado” a ver e criar audiovisual em determinado sentido.

Aqui cabe outra provocação: que façamos mais caminhos inversos, que busquemos ampliar nossos olhares, que estudemos/ ensinemos linguagens outras do cinema, do audiovisual, para que não fiquemos presos a narrativas simplistas e duais (bem contra o mal, certo e errado, etc.).

Uma alfabetização do olhar, como bem argumenta Oliveira Jr. (2009, p. 21), sobre como o audiovisual pode rasurar estes agenciamentos emitidos pelas forças reativas, que buscam através da potência dos afetos e perceptos do audiovisual é fazer seus discursos e narrativas circularem e terem efeitos nos diversos espaços. Um olhar questionador e que possa observar estes agenciamentos e

identificar a “tosquice” e pobreza (relativo à suas vontades e desejos, que estão ligados ao cerceamento das forças ativas e a criação do novo), identificar o quanto eles contribuem para a manutenção do estriamento, dos poderes e do controle como está.

De forma que deixemos de estar em território de servidão, para que possamos compreender e pensarmos sobre suas relações com as máquinas de estado que operam as tentativas de controle e poder. Assim, a compreensão da linguagem, a compreensão das relações de poder, podem ser lidas com algumas das causas que atravessam os processos de subjetivação que estamos vivenciando na pandemia.

Dessa forma, dialogamos com o pensamento de Spinoza, numa busca de “liberdade” em contraposição ao domínio que nossos corpos podem estar suscetíveis, quando somos atravessados pelas superstições e paixões que estes agenciamentos buscam provocar. Como afirmam Santos e Ribeiro (2020, p.201) “Sair do território da servidão é entender as causas dos encontros e neles exercitar caminhos de liberdade. A Ética não é um tratado moral, mas uma máquina de guerra contra a tirania”, trazendo um pouco da força do pensamento de Spinoza.

Compreender a linguagem cinematográfica pode criar processos de subjetivações mais potentes e ativas, óbvio, requer pensamento por parte do professor de Geografia. Os filmes por si só não fazem isso

sozinhos, pensando que muitos dos nossos alunos precisariam ser “alfabetizados” dentro de uma linguagem cinematográfica que ainda não tem experiência ou hábito. Isso requer um trabalho que fuja ou pelo menos desconstrua o cinema comercial hollywoodiano, tendo em vista que os nossos alunos são educados por esses filmes, estão habituados ao monopólio linguístico que Hollywood imprime ao cinema. Educar na relação com o cinema tem o caráter político de possibilitar o acesso à diferentes formas de abordagem da linguagem cinematográfica para além da hollywoodiana e de suas estruturas clichês.

Sair destas estruturas clichês, também é buscar fugir das representações, das formas que estão moldadas a priori, as formas de pensar, as formas de ser, as formas de agir. Grande parte da nossa tradição audiovisual está atrelada à representação, e isso faz nós perdermos força de pensarmos o novo para além da representação, o representar que nos prende aos ideais, temos que tencionar isso para criar linhas de fuga que nos tire desse retorno dos ídolos, mitos, ideais e transcendências despotencializadas.

Nietzsche, grande filósofo alemão, foi um notável crítico deste tipo de pensar que anseia, em meio às representações mortas transcendentais e metafísicas, um sentido, um ordenamento em meio ao vivido. Vivem uma representação, não vivem a concretude que a empiria nos possibilita, neste

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

sentido o filósofo diz em “Assim Falou Zarathustra”:

Agora está claro para mim o que as pessoas procuravam acima de tudo, quando procuravam os mestres da virtude. Procuravam para si um bom sono e virtudes promovidas pela papoula. Para todos esses sábios, catedráticos acadêmicos louvados, a sabedoria era dormir sem sonhos: não conheciam maior sentido para a vida. Ainda hoje, há provavelmente alguns, como esse pregador da virtude, e nem sempre tão honrados. Mas seu tempo já passou. E eles não permanecerão de pé por muito mais tempo: pois estão deitados (NIETZSCHE, 2014, p.43)

Temos que fazer “deitar” estes processos de subjetivação que induzem o pensar no caminho unívoco. Compreender os aparelhos destes processos, como é a acomodação do audiovisual à uma forma de olhá-los e ouví-los, nos acostumando à um olhar condicionado, também tenciona estes processos, abrindo para a multiplicidade de olhares, de forma a vivermos a concretude, a empiria, possibilitando que rasuremos as imagens e criemos nossas formas de concebê-las.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este presente artigo trouxe duas peças de conjunção/composições entre audiovisual e narrativas/discursos, que buscaram caotizar e minar as propostas e estruturas de combate ao avanço do Covid-19 e a pandemia que vivenciamos atualmente. A nossa análise, que tem seus limites, é uma das formas de capturar estas composições buscando destrinchá-las, en-

tretanto sabendo que há outras formas de desconstrução que poderiam ser feitas a partir das composições trazidas pelo artigo.

Entendemos que estas composições minam os discursos centrados nas perspectivas cientistas, de forma a dar base as narrativas e discursos negacionistas, objetivando a desconstrução do olhar crítico ao governo que foi opcionalmente omissivo à pandemia, além de dar ao contexto uma narrativa conspiratória clichê.

Composições que também contribuem para uma subjetivação coletiva que foge da empiria e diminui nossa força ativa, que busca argumentos, justificativas, culpados, que não são diretamente “nós mesmos”. Mais uma vez estamos aqui para olhar para este processo e criticar essa subjetivação amparada na mesquinhez de pensar a vida balizada em ideais e modelos representativos carregados de forças reativas e que despotencializam a vida.

Queremos ressaltar que este presente artigo tem suas limitações e é uma entre diversas possibilidades de leitura geográfica do objetivo elencado. A nossa provocação, nesta conclusão, tem a ver com a prolongação, com o devir, onde nós mesmos somos convidados a prosseguir este pensar que não se fecha neste artigo.

Queremos provocar os leitores a pensar suas geografias, assim como nós fomos provocados, a pensar como a nossa ciência, com a nossa linguagem, pode contribuir para “fazer deitar” estas ideias, estas represen-

tações, que despotencializam a vida. Pensar também o ensino de Geografia que possibilite uma reflexão, desconstrução, desterritorialização (DELEUZE e GUATTARI, p.198-199, 1997) das linguagens audiovisuais cinematográficas, no sentido de provocar a perda dos referenciais imagéticos e narrativos que norteiam processos de subjetivação despotencializadas, produzindo uma reterritorialização.

Existe uma D [os autores utilizam o D como abreviação de desterritorialização] absoluta, e o que quer dizer "absoluto"? Seria preciso, inicialmente, compreender melhor as relações entre D, território, reterritorialização e terra. Em primeiro lugar, o próprio território é inseparável de vetores de desterritorialização que o agitam por dentro: seja porque a territorialidade é flexível e "marginal", isto é, itinerante, seja porque o próprio agenciamento territorial se abre para outros tipos de agenciamentos que o arrastam. Em segundo lugar, a D, por sua vez, é inseparável de reterritorializações correlativas. É que a D nunca é simples, mas sempre múltipla e composta: não apenas porque participa a um só tempo de formas diversas, mas porque faz convergirem velocidades e movimentos distintos, segundo os quais se assinala a tal ou qual momento um "desterritorializado" e um "desterritorializante". Ora, a reterritorialização como operação original não exprime um retorno ao território, mas essas relações diferenciais interiores à própria D, essa multiplicidade interior à linha de fuga (cf. "teoremas de D") (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.198-199).

No movimento de territorialização-desterritorialização-reterritorialização, con-

forme Deleuze e Guattari (p.198-199, 1997), há um atravessamento sob o território, estriado, que produz linhas de fuga, que "alisam" o espaço, possibilitando que uma nova codificação, uma reterritorialização, não como a territorialidade anterior, mas como uma nova territorialidade afetada pelas linhas de fuga e forças que provocaram a desterritorialização, quando colocadas para que possamos multiplicar as possibilidades de agenciá-las com vida e forças ativas.

Em Mil platôs, o esquema se complica e sofisticada em torno de uma acentuação da ambivalência da relação com a terra - profundidade da terra natal e espaço liso do nomadismo - que, com isso, afeta também o território. Não apenas a rigidez do código não dá mais conta de todos os tipos de território, bem como a reterritorialização e doravante plenamente assumida como o correlato de qualquer desterritorialização, posto que ela não se efetua mais necessariamente sobre um território propriamente dito, mas, quando absoluta, sobre uma terra não delimitada: agenciamento nômade, deserto ou estepo como território paradoxal, onde o nômade "se reterritorializa sobre a própria desterritorialização." (ZOURA-BICHVILI, 2004, p.23)

Finalizamos com o convite de pensarmos o ensino de Geografia como força de desterritorialização destes processos de subjetivação que nos enfraquecem, narrativas que buscam a servidão. Queremos ensaiar e promover encontros/aulas de provocação do novo, fragilizar e quebrar o espaço estriado e codificado, assim como suas formas de imagear,

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

para abrir para novas formas de
imagear e narrar as espaciali-
dades, permitindo reterritoria-
lização, enchendo-as de vida,
forças ativas e multiplicidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*. Lisboa: Edições 70, 2007.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, vol. 5. São Paulo, Ed. 34, 1997.
- MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. P.97-210.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim Falou Zarastustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Martin Claret, 2014.
- OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. *O que seriam as geografias de cinema?* In: *Leituras Transdisciplinares de Telas e Textos*, Belo Horizonte, v.1, n.2, p.27-33, 2005.
- OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. *Grafar o espaço, educar os olhos*. Rumo a geografias menores. *Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 17-28, set./dez. 2009.
- SANTOS, V. R. dos; RIBEIRO, W. C. *Spinoza, uma filosofia da imanência dos afetos*. *Kínesis*, Vol. XII, nº 33, dezembro 2020, p.198-212
- SPINOZA, B. *Ética segundo a ordem geométrica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- ZOURABICHILI, François. *O Vocabulário de Deleuze*. Trad.: André Telles, Campinas, IFCH-Unicamp, 2004. Disponível em: <https://www.redehumanizaus.net/sites/default/files/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili1.pdf>